

NEWSLETTER ACADEMIA CEO FUTURE READY

Powered by

International
Business
Platform



UNIVERSIDADE
CATOLICA
PORTUGUESA

#2

Janeiro 2025
edição semestral

ACADEMIA

C	E
	O



A 5 de dezembro, decorreu a cerimónia de entrega dos diplomas da segunda edição do programa de entrada na **Academia CEO Future Ready**, que já conta com representantes C-level de vinte e quatro empresas familiares portuguesas, a maioria, de grande dimensão.

A ocasião foi também motivo para o encontro anual desta comunidade de "active-learning", que abraça o propósito de acelerar o crescimento internacional das empresas portuguesas com ambição para vencer na arena global, através da partilha de experiências e do acesso a conhecimento aplicado.

Após a cerimónia, realizou-se um jantar-debate que reuniu esta inovadora comunidade, para refletir sobre um tema desafiante.

Nesta segunda edição da nossa newsletter, partilhamos o teor da sessão, contando deixar algumas pistas para continuada reflexão.

A Academia CEO Future Ready é uma iniciativa da Católica International Business Platform em parceria com a CCIP e a Católica-Lisbon Executivos.



MIGUEL ATHAYDE MARQUES

Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa.

Cofundador e Diretor Académico da Católica International Business Platform.

Saliento o carácter inovador desta iniciativa formativa, norteada por um forte sentido transformador e de urgência, que visa criar impacto na economia portuguesa.

Na realidade, o desafio do crescimento com que o país se depara é o desafio da internacionalização das empresas e da criação de valor sustentado.

KNOWLEDGE TO GO FURTHER

MARGARIDA RAMALHO

Cofundadora e Diretora Executiva da Católica International Business Platform, lançou o mote para o debate com os Keynote speakers e a audiência.

A nova ordem mundial determina o avanço da economia digital? Ou será o avanço da economia digital a determinar a nova ordem mundial, geopolítica e económica?

O tema é complexo e exige escuta ativa para entender tendências e acautelar os impactos nas estratégias de crescimento internacional das nossas empresas. Não há uma resposta simples e única, cada um deverá fazer a sua reflexão à medida.

FRANCISCO PROENÇA GARCIA

**Professor do Instituto de Estudos Políticos da
Universidade Católica Portuguesa.**

**Presidente da delegação Portuguesa do Imamat Ismaili,
Diretor da Sociedade de Geografia de Lisboa, Militar na
reserva.**

(...) neste mundo de interdependências complexas, os
atores com poder para dominar o mundo (e condicionar o
poder de outros) já não são apenas os Estados.
Esta sim é uma grande novidade.

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA GEOPOLÍTICA

Começamos por afirmar que consideramos a tecnologia como instrumental para a geopolítica.

A geopolítica é a ciência que se dedica à análise das relações de Poder entre os diversos atores do sistema internacional; atores estes que definem a Ordem internacional e que hoje, num contexto estratégico volátil, se encontra em construção.

Vivemos momentos de grande incerteza a nível geopolítico, económico, social e de segurança. Países como a China e a Rússia desafiam a atual Ordem ainda estruturada na sua arquitetura com uma base essencialmente de modelo ocidental. Estas potências, designadas por nós de revisionistas, procuram criar uma alternativa de organização do Poder e de modelos de sociedade.

O regresso da guerra à Europa e ao Médio-Oriente acrescentam novas ameaças e riscos e obrigam-nos a refletir sobre o impacto da tecnologia e sobretudo da inteligência artificial como instrumentos para a definição da nova Ordem mundial.

Hoje a competição internacional faz-se em dois grandes domínios onde a tecnologia é fundamental. Competimos pelo acesso ao espaço extra-atmosférico e pelo domínio do ciberespaço. Dois espaços cuja geopolítica também está em definição. Hoje, quem dominar estes espaços, domina o mundo.

Mas a corrida faz-se também para a definição dos padrões tecnológicos da futura Ordem, o que passa muito pelo acesso e domínio da informação e da sua transformação em conhecimento em tempo oportuno (intelligence).



A tecnologia associada ao uso da Força nas relações internacionais não é um fenómeno novo. As guerras continuam a ter como grande objetivo o acesso ou a manutenção do Poder, e na atualidade elas têm cada vez mais uma perspectiva global, multidimensional, e onde a gestão das perceções é imperiosa, e esta só se faz com o domínio da informação.

A influência dos media e a cobertura das redes sociais possibilita a gestão das perceções e a criação de realidades virtuais quando a realidade efetiva não corresponde aos imperativos estratégicos. O uso da tecnologia associada à propaganda, à desinformação ou à criação de “fake news” a nível mundial, tem um impacto de grandes dimensões nas nossas sociedades. Nada de novo.

Porém, neste mundo de interdependências complexas, os atores com poder para dominar o mundo (e condicionar o poder de outros) já não são apenas os Estados. Esta sim é uma grande novidade.

Há atores não estatais como as grandes multinacionais da tecnologia (as “big tech”) que têm uma grande capacidade de influência e de moldar, inclusive, padrões de comportamento, de consumo, e, sobretudo, de opinião. Mais uma vez, a tecnologia surge como instrumental para o poder.

Para ter uma ideia mais consolidada da Ordem em construção devemos refletir sobre algumas questões:

Em que países estão sediadas as “big tech”? Quem detém e gere estas empresas? Quais os interesses que defendem? Qual a sua agenda?



RUI PEREIRA

Cofundador da Outsystems, Board Member e Investidor.

Executive in Residence na Católica-Lisbon.

(...) Considerando que a Europa, infelizmente, não tem nenhuma empresa na corrida à “Artificial General Intelligence” (AGI), será sempre um utilizador de tecnologia externa, dependendo de um dos seus aliados geopolíticos.

O PODER DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A evolução da Inteligência Artificial (IA) moldará as relações entre nações e terá um impacto significativo nas empresas.

Os modelos avançados de IA, conhecidos como modelos de fronteira, são atualmente liderados por um número reduzido de empresas em todo o mundo, principalmente na China e nos EUA.

Estas competem entre si para alcançar o que se tem vindo a chamar de AGI (inteligência geral artificial). Atingir a AGI confere aos modelos a capacidade de aprender e compreender qualquer tarefa intelectual que um ser humano possa realizar, adaptando-se a novas situações sem preparação prévia. A AGI permitirá que aqueles que tiverem acesso a esta tecnologia resolvam problemas novos que antes eram impossíveis de resolver, evoluindo rapidamente até atingir o próximo estágio após a AGI, denominado superinteligência.

Os governos procurarão capturar, proteger e regular a tecnologia IA/AGI, pois ela lhes permitirá exercer um controlo, conhecimento e ação sobre as nações de forma sem precedentes, influenciando decisivamente a geopolítica global.

Considerando que a Europa, infelizmente, não tem nenhuma empresa na corrida à AGI, será sempre um utilizador de tecnologia externa, dependendo de um dos seus aliados geopolíticos.

Ao perder o comboio tecnológico em várias áreas, não só na IA, mas também a incapacidade de resolver fraquezas em outros domínios, como a incapacidade de criar empresas tecnológicas de grande dimensão e valor, a Europa coloca-se numa posição de dependência tecnológica com consequências profundas.

Portugal, por sua vez, está a dar os primeiros passos na integração da IA através da Estratégia Nacional de IA - 2030. O governo iniciou a implementação da estratégia ao financiar o primeiro Modelo de Linguagem em Grande Escala da língua portuguesa (LLM Português Amália), que visa reconhecer os elementos da nossa História, cultura, língua e costumes, garantindo que a Amália contemple tudo o que é específico de Portugal, preservando e divulgando aquilo que é verdadeiramente português.

As empresas em geral, estão ainda a começar a compreender onde e como a IA pode influenciar e impactar os seus negócios. Embora não se procure a AGI no âmbito empresarial, o objetivo é alcançar um impacto real na melhoria dos processos e resultados.

Contudo, a crescente instabilidade geopolítica e económica mundial obriga as empresas a refletirem sobre os riscos que estão dispostas a correr nos seus negócios e sobre as ações que podem tomar para mitigar esses riscos.

As empresas devem avaliar o impacto geopolítico nos seus negócios, bem como as escolhas tecnológicas que fazem, pois podem correr o risco de serem impedidas de utilizar certos softwares e sistemas devido a barreiras políticas e comerciais.

Devem também ponderar a celebração de contratos com clientes em geografias com riscos geopolíticos, além de avaliar as cadeias de valor e fornecimento de materiais que dependem e são impactadas por eventos geopolíticos globais. As empresas devem, igualmente, avaliar os riscos dos mercados em que operam, mitigando a exposição ao risco através de estratégias de diversificação de mercados. Emergem também temas como os esperados aumentos tarifários em todos os blocos comerciais, conflitos bélicos, guerras comerciais, regulação e legislação, que geram custos insuportáveis, insegurança, imprevisibilidade e risco de negócio.

Em suma, é urgente reavaliar as operações face a estes e outros temas que estão a ocorrer em todos os blocos económicos e geográficos no mundo.



REFLEXÕES FINAIS

Se a Europa está destinada a ser um utilizador de tecnologia externa, quem são os seus aliados geopolíticos neste contexto?

Francisco Proença Garcia, defendeu que, apesar de tudo, os EUA têm o mesmo modelo de sociedade, mas isso não basta, tem de haver uma relação de interesse.

Que interesse pode ter a Europa para os EUA?

Rui Pereira defendeu que os EUA e, em particular, Silicon Valley, querem “crescimento, crescimento, crescimento”, podemos ambicionar parcerias e alianças para crescimento mútuo, com valor económico. Mas a cultura americana é diferente da europeia, e temos de a entender para saber lidar com as diferenças.

O “soft power” dos portugueses é vantagem competitiva?

Miguel Athayde Marques defendeu que sim, é vantagem e tem valor económico, mas é preciso saber exercê-lo na diplomacia política, económica e empresarial. Possuir um forte “soft power” não pode justificar para Portugal um menor zelo na defesa dos interesses nacionais, nem tão pouco abdicar dos processos de criação e retenção de riqueza por parte das empresas portuguesas.

No fecho desta edição, Margarida Ramalho partilhou uma nota positiva relativamente à UE.

De acordo com o Painel de Avaliação do Investimento em I&D Industrial, publicado a 18 de dezembro, em 2023, a UE inverteu a tendência da última década, ficando em segundo lugar a nível mundial no investimento privado em I&D (18,7%), atrás dos EUA (42,3%), mas à frente da China (17,1%) e do Japão (8,3%).

Na última década quatro setores – software, hardware TIC, saúde e automóvel, representaram mais de três quartos do investimento mundial em I&D. Curiosamente, a UE lidera o investimento no setor automóvel.

CONTACTOS



ibp.clsbe@ucp.pt



(+351) 217 206 241



www.linkedin.com/company/academia-ceo/



<https://www.clsbe.lisboa.ucp.pt/pt-pt/cea/catolica-international-business-platform>